

Platão, o último pré-socrático

Plato, the last pre-socratic philosopher

Rafael Huguenin*

O objetivo deste artigo é reunir subsídios para a elucidação da ontologia platônica, em especial a ontologia apresentada nos diálogos de última fase. Nos interessa, sobretudo, elucidar inicialmente o tipo de relação que as Formas mantêm com os particulares sensíveis e, com isso, mostrar que a teoria das Formas é capaz de dar conta, de um modo satisfatório em relação às outras teorias da época, da multiplicidade sensível. Para isto, tentaremos destacar as semelhanças entre a ontologia platônica e a pré-socrática.

Palavras-chave: Platão. Metafísica. Ontologia. Pré-Socráticos.

The aim of this paper is to present contributions for a new interpretation of the platonic ontology, in special the ontology presented in the dialogues of last phase. To do that, we start by clarify the type of relation that the Forms keep with particular sensible to show that the platonic theory of Forms is capable to deal, in a satisfactory way, with the concept of sensible multiplicity found in other theories of the time. Thus, we point out the similarities between the platonic and pre-socratic ontologies.

Key words: Plato . Metaphysics. Ontology. Pre-socratic philosophers.

1. Introdução

É comum apresentar Platão como um filósofo que, ao instaurar uma separação radical entre o sensível e o inteligível, passou a privilegiar apenas o mundo inteligível, relegando, assim, ao mundo da experiência sensível um estatuto ontológico e epistemológico mais baixo. Ora, uma teoria que negligencia o mundo fenomênico – o mundo em que vivemos e no qual precisamos, sempre com a máxima urgência e gravidade, de respostas satisfatórias para nossos problemas, sobretudo os políticos, éticos e científicos – não desperta grandes simpatias, sobretudo daqueles pouco afeitos às divagações descomprometidas. Além disso, boa parte das críticas feitas a Platão ao longo da história da filosofia acabam contribuindo para que a teoria das Formas seja vista como ingênua ou ainda limitada em seu alcance. Uma dessas críticas pode ser encontrada no final do livro I da *Metafísica* de Aristóteles¹. A esse respeito, H. F. Cherniss chama atenção para o fato de que a crítica de Aristóteles à teoria das Formas, entendida pelo estagirita como uma duplicação supérflua do mundo fenomênico, “tende a afastar a simpatia da maior parte dos estudantes que se aproximam do estudo de Platão” (1990, p. 109). Ainda que estas perspectivas não sejam totalmente arbitrárias, sobretudo em vista das formulações da teoria apresentadas nos diálogos da fase intermediária, elas não

*Professor substituto de Filosofia do Instituto Federal Fluminense. Doutorando em Filosofia na PUC-Rio.

¹Esta crítica é repetida, quase nos mesmos termos, no livro XIII da *Metafísica*, a partir de 1078b7.

fazem justiça ao altíssimo grau de complexidade, elaboração conceitual e engenhosidade que caracterizam a discussão ontológica dos diálogos da última fase.

Sendo assim, tentaremos reunir no presente artigo subsídios para a elucidação da ontologia platônica, em especial a apresentada nos diálogos de última fase². Nos interessa, sobretudo, elucidar inicialmente o tipo de relação que as Formas mantêm com os particulares sensíveis e, com isso, mostrar que a teoria das Formas é capaz de dar conta, de um modo satisfatório em relação às outras teorias da época, da multiplicidade sensível. O ponto norteador de nossa pesquisa é a hipótese de que Platão procurou explicar a multiplicidade sensível, a partir de um conjunto de elementos ou *entidades explicativas*³ mais básicas, também conhecidas como *Formas* (eiádea) ou *Idéias* (i¹de/ai). Ainda que, à primeira vista, esta hipótese não expresse nenhuma novidade, dependendo da forma como se interpretam os termos mesmos envolvidos nas diversas formulações apresentadas ao longo dos diálogos, o modelo das Formas apresenta inúmeras semelhanças com as teorias da natureza oferecidas pelos primeiros filósofos gregos, também conhecidos como pré-socráticos. Esta proposta tem como objetivo implícito afastar duas interpretações da teoria das Formas que consideramos equivocadas e inféis em relação aos propósitos platônicos: (i) a interpretação da famosa *segunda-navegação* proposta por Reale e seus discípulos, segundo a qual a hipótese das Formas, tomadas como realidades supra-sensíveis e transcendentais, representa um radical ruptura em relação às investigações conduzidas pelos pré-socráticos, podendo ser vista assim como “*magna charta* da metafísica ocidental” (REALE, 1994, p. 49); (ii) a consideração das Formas nos últimos diálogos como meros conceitos, interpretação muito difundida entre certos especialistas ligados à tradição analítica. As limitações e dificuldades resultantes destas duas tendências interpretativas, retomando aqui a colocação de Cherniss, acabam também por afastar a simpatia dos estudantes que iniciam seus estudos de Platão.

2. Colocação do problema: tipos de ontologia

Começemos com um esclarecimento do título do presente artigo. O que significa afirmar que Platão é o último pré-socrático⁴? É óbvio que não se trata de uma designação cronológica. Trata-se, antes, de uma designação que leva em conta as semelhanças (e diferenças) entre o modelo ontológico proposto por Platão e os modelos ontológicos

²Embora a questão da cronologia e da classificação dos diálogos em fases distintas seja um tema controverso, adotamos aqui a posição tradicional segundo a qual os diálogos podem ser divididos em três fases (fase inicial, fase média e última fase). Para uma descrição mais detalhada a esse respeito, ver Brandwood (1992).

³Trata-se de uma expressão cunhada por Julius Moravcsik (2006) para indicar que a orientação subjacente ao desenvolvimento da ontologia grega, dos pré-socráticos até Aristóteles, é de caráter explicativo. De acordo com este autor, até Aristóteles, a história da filosofia grega “consiste numa série de hipóteses de explicações de naturezas, com diferentes padrões explicativos e, portanto, diferentes entidades explicativas desenvolvidas em diferentes momentos” (2006, p.16).

⁴A expressão “último pré-socrático” foi cunhada por Alexander Nehamas (1975). Este autor, levando em conta o caráter auto-predicativo das Formas no período médio, sustenta que cada uma delas pode ser tomada como uma entidade eleática básica, de modo que o modelo ontológico platônico merece ser caracterizado como um dos “últimos sistemas pré-socráticos” (98).

dos filósofos pré-socráticos. Para melhor esclarecer este ponto, faz-se necessário situar a teoria das Formas dentro do contexto mais amplo dos diversos modelos ontológicos que foram propostos ao longo da história da Filosofia Antiga.

Para melhor esclarecer o que temos em mente, coloquemos, a título de ponto norteador desta seção, a seguinte questão: que tipo de relação os objetos do mundo sensível mantêm com as Formas inteligíveis? No caso específico da Teoria das Formas, a relação entre os particulares sensíveis e as Formas foi caracterizada pelos especialistas, a partir de dois modelos distintos, cada qual fundamentado em certos indícios textuais do *corpus* platônico. Temos, por um lado, indícios que apontam para um modelo caracterizado pela noção de *participação* (me/qecij). A partir desta noção, vários particulares sensíveis *a*, *b* e *c* do mesmo tipo são reconhecidos como possuindo determinada propriedade *F* na medida em que *participam* da Forma *F*. Temos também, por outro lado, um modelo baseado na noção de *imitação*⁵ (mi/mhsij). De acordo com este modelo ontológico, as Formas são tomadas como *paradigmas* (paradei;gmata), dos quais os sensíveis particulares são *imitações* (mimh/mata), *imagens* (ei!ko/nej) ou simplesmente *semelhanças* (oYmoiw/mata).

A interpretação que estamos desenvolvendo em nossa pesquisa de doutorado, no entanto, procura explorar um modelo ontológico heterodoxo em relação aos modelos apresentados no parágrafo anterior. Antes, porém, de expor de modo mais detalhado a proposta de abordagem, apontemos brevemente os motivos em virtude dos quais rejeitamos os dois modelos. No caso do modelo da *participação*, dois tipos de crítica podem ser feitos. O primeiro tipo de crítica foi feito pelo próprio Platão, na primeira parte do diálogo *Parmênides*. Em linhas gerais, a dificuldade levantada pelas críticas ali expostas incide sobre a insuficiência deste modelo em garantir a transcendência e a independência das Formas em relação aos particulares sensíveis. O segundo tipo de crítica reside no fato de que o modo segundo o qual o modelo da participação é apresentado acaba encorajando a leitura, muito difundida entre certos comentaristas ligados à tradição analítica, de que Platão, nos últimos diálogos, abandonou a noção de Formas transcendentais e separadas, passando a tratá-las como meros conceitos⁶.

No caso do modelo baseado na noção de *imitação*, por outro lado, apesar de sua inegável superioridade, sobretudo no que diz respeito à garantia de que as Formas sejam ainda consideradas separadas e independentes dos sensíveis particulares, a maior dificuldade reside no fato de que Platão apresenta este modelo sempre de passagem e em poucas palavras, sem detalhá-lo de modo exaustivo e satisfatório (para os nossos padrões), de modo que não é inapropriado sugerir que ele ainda estava incerto quanto ao alcance e à eficácia deste modelo.

⁵Beneficiamo-nos aqui imensamente das discussões conduzidas pela professora Maura Iglésias em seus cursos, nos quais ambos os modelos ontológicos foram expostos e discutidos. Ver, a esse respeito, o recente artigo intitulado “A relação entre sensível e inteligível: *methexis* ou *mimesis*?” (2009) e também o artigo, não tão recente, intitulado “A relação necessária entre a primeira parte e a parte central do *Sofista* de Platão” (2003), no qual o tema é discutido de passagem.

⁶Dizer que *x* tem uma dada propriedade *F* se e somente se *x* participa da *F-dade* ou da Forma *F* não é muito diferente de afirmar que *x* cai sob um determinado conceito. A diferença reside apenas na forma como se entende a entidade designada pela expressão predicativa.

Ora, que outro modelo, além daqueles baseados na noção de *me/qecij* ou na noção de *mi/mhsij*, pode não apenas dar conta da relação entre as Formas e os sensíveis particulares, mas também se encaixar de modo apropriado na sucessão dos modelos ontológicos propostos ao longo da história da Filosofia Antiga? Para responder a esta questão, façamos um rápido contraste entre ontologias contemporâneas e antigas, com o fim de destacar a motivação implícita que as orienta. Tomemos como exemplos alguns modelos ontológicos mais recentes, como aqueles propostos por Russel e Moore. Segundo Julius Moravcsik (2006, p. 70), as teorias propostas por estes autores contemporâneos pretendem explicar a realidade por meio da elaboração de um inventário de tudo o que é real. Este inventário – que, ao contrário da ontologia platônica, contrasta o real não com o que é apenas aparente, mas com o que é simplesmente irreal – se estrutura em um conjunto de categorias distintas que pretende fornecer uma abordagem exaustiva de tudo o que compõe a realidade. Ou seja, este tipo de ontologia procura fornecer uma lista das entidades que existem, indagando se há universais, eventos, mentes, modalidades e assim por diante. Para isso, este tipo de ontologia divide a realidade entre universais e particulares e procura especificar as características destas categorias e sob qual delas caem os diversos itens que compõem a realidade. Em outras palavras, a ontologia contemporânea parece se concentrar na busca de um inventário adequado que dê conta da realidade.

A ontologia platônica, por outro lado, não tem como objetivo fornecer um inventário exaustivo de tudo o que compõe a realidade. Segundo Moravcsik, “na ontologia platônica, não devemos esperar encontrar uma gaiola metafísica para cada criatura que tenha sido compreendida no tempo de Platão ou no nosso próprio tempo como real” (2006, p. 70). O contraste que está no cerne da teoria platônica das Formas se dá entre o que é apenas aparente e o que é genuinamente real, entre o menos fundamental e o mais fundamental⁷. Ou seja, trata-se de uma teoria da realidade que pretende explicá-la não propriamente fornecendo um inventário exaustivo de tudo o que há, mas, antes, identificando os elementos mais básicos e fundamentais da realidade e então, com base nestes elementos, explicar o que é menos fundamental ou simplesmente aparente. De acordo ainda com Moravcsik, a estrutura conceitual deste tipo de ontologia não é de inventário, mas explicativa (2006, p.70). Ou seja, uma ontologia deste tipo parece preocupar-se com uma busca por explicações adequadas, efetuadas geralmente por meio de uma delimitação precisa da *natureza* destas entidades mais básicas e de como, a partir delas, a multiplicidade sensível pode ser explicada.

Pois bem, aceitemos por ora, a título de hipótese inicial de trabalho, que é justamente este modelo – no qual as Formas podem ser vistas como elementos explicativos básicos – que orienta a elaboração da teoria platônica das Formas. A

⁷ Mourelatos (1965) sustenta que este contraste entre o real e as aparências, isto é, entre o mundo como é em si mesmo e o mundo conforme se apresenta à nossa percepção sensível está no cerne das ontologias pré-socráticas. Moravcsik também detecta esta tendência e a descreve como uma maneira de “considerar meras aparências o que é observável, e explicá-las de acordo com algo não observável, subjacente a elas, algo às vezes interpretado como ‘o real’” (2006, p.16).

tarefa que ora se nos apresenta é oferecer uma passagem dos diálogos que (i) apresente evidências em apoio a esta hipótese e que (ii) exemplifique o tipo de tratamento que daremos às passagens dos outros diálogos que constituirão nosso objeto de estudo ao longo da pesquisa de doutorado. Acreditamos que a parte central do diálogo *Sofista*, em especial a passagem na qual a doutrina da comunhão das Formas é apresentada, atende de modo satisfatório a esta dupla exigência, de modo que podemos utilizá-la para a devida colocação de nosso problema.

3. A comunhão das Formas e suas relações com os sensíveis particulares

Para melhor exemplificar nossa proposta de investigação e o tratamento que dispensaremos às passagens que serão objeto de nossa análise, consideremos brevemente uma sentença fundamental da parte central do diálogo *Sofista*. Trata-se da célebre passagem na qual se anuncia a comunhão das Formas:

Telewta/th pa/ntwn lo/gwn e)stiìn a)fa/nisij to\ dialu/ein eÀkaston a)po\ pa/ntwn! dia\ ga\r th\n a)llh/lwn tw½n ei¹dw½n sumplokh\n o(lo/goj ge/genon h(miÍn (259e4-6).

A separação absoluta de cada coisa de todo <o resto> é a dissolução de todos os discursos: pois é pela comunhão das Formas umas com as outras que o discurso se dá a nós⁸.

Ao que parece, Platão sustenta nesta passagem que a possibilidade de toda e qualquer asserção depende da comunhão ou combinação das Formas. Trata-se de uma passagem de difícil interpretação, sobretudo se levarmos em conta os dois exemplos de sentenças oferecidos por Platão em uma passagem posterior do mesmo texto. Como se sabe, em 263a2-8 são oferecidos como supostos exemplos duas sentenças nas quais aparentemente apenas *uma* Forma está envolvida: “Teeteto está sentado” (Qeai;thtoj... ka/qhtai) e “Teeteto está voando” (Qeai;thtoj... pe/tetai). Ora, como Platão afirmou que *todo* discurso envolve uma comunhão de Formas umas com as outras e, nos exemplos oferecidos logo depois, temos apenas uma Forma⁹, os estudiosos da obra platônica empenharam não poucos esforços para dar conta deste problema.

Cornford, por exemplo, sustenta que Platão não está dizendo que as Formas são os únicos elementos envolvidos em todo discurso, uma vez que, conforme os exemplos

⁸ As traduções das passagens em grego, quando não apresentarem nenhuma indicação em contrário, são de nossa responsabilidade, realizadas sempre em cotejo com as traduções a que tivemos acesso.

⁹ É comum afirmar que, para Platão, termos singulares e nomes próprios não correspondem a uma Forma, apenas termos gerais. No livro X da *República*, por exemplo, lemos: “pois estamos habituados a assumir uma única Forma específica no caso de cada multiplicidade <de coisas>, às quais aplicamos o mesmo nome” (eiádoj ga/r pou/ ti eÁn eÀkaston ei¹w`qamen ti;zesqai perì e Àkasta ta\ polla/, oiáj tau)ton oÁnoma e)pipe/romen, 596a6-7). Ver, a esse respeito, Wedberg (1978, p. 28-29), que sustenta que na sentença “Sócrates é humano”, sabemos determinar exatamente o que denota o termo ‘Sócrates’, mas não o que o termo ‘humano’ denota, o que levou Platão a postular a Forma como uma entidade designada por esta propriedade. Ackrill, por sua vez, citando Ross, afirma que “uma sentença pode possuir um nome como sujeito, e um nome próprio não corresponde a uma Forma ou a um universal” (1965, p. 200).

mencionados no próprio *Sofista*, podemos construir sentenças acerca de particulares. Segundo este autor, o que Platão tem em mente é que “toda sentença ou juízo envolve o uso de pelo menos uma Forma” (1951, p. 314). Ou seja, para evitar a atribuição de um equívoco a Platão, Cornford propõe que nem toda sentença contém uma $\epsilon\iota^1 d\omega\frac{1}{2}n$ sumplokh^- e que, em muitos casos, apenas uma Forma é necessária para a construção de uma sentença genuína. Mas esta interpretação não leva em conta a expressão no genitivo plural $\alpha\lambda\lambda\eta/l\omega n$, que traduzimos acima por “umas com as outras”. Em outras palavras, se formos fiéis à letra do texto grego, trata-se de uma comunhão das formas umas com as outras¹⁰. Sendo assim, devemos buscar uma interpretação que mostre que esta comunhão está envolvida em todos os discursos, inclusive naqueles que combinam um particular sensível com um termo geral correspondente a uma Forma.

J. L. Ackrill (1965), buscando uma interpretação que melhor se adapte ao texto, isto é, uma interpretação segundo a qual a $\epsilon\iota^1 d\omega\frac{1}{2}n$ sumplokh^- não seja invalidada pelo fato de que muitos discursos – inclusive, como vimos acima, os exemplos oferecidos pelo próprio Platão – combinam apenas um termo geral com um termo singular, sustenta que o que está em jogo nesta passagem é a constatação de que todo discurso depende das regras que determinam as inter-relações entre os conceitos, tais como as relações de inclusão, incompatibilidade e assim por diante. Neste sentido, a sentença “Teeteto está sentando” só é genuinamente informativa porque exclui alguma outra coisa, como, por exemplo, a sentença “Teeteto está em pé”. Segundo este autor, dizer que a primeira sentença exclui a segunda é o mesmo que dizer que há incompatibilidade entre dois conceitos¹¹ (“estar sentando” e “estar de pé”). Assim, Ackrill acredita que estas observações são suficientes para indicar como uma $\epsilon\iota^1 d\omega\frac{1}{2}n$ sumplokh^ϕ é pressuposta por toda e qualquer declaração, inclusive aquelas acerca de Teeteto. A comunhão, nestes casos, envolve a incompatibilidade de dois predicados, de modo que a doutrina da comunhão em questão envolve não apenas a compatibilidade de duas Formas, mas também a incompatibilidade. Cabe à dialética, portanto, a tarefa de realizar este mapeamento das relações entre as Formas.

D. W. Hamlyn (1955), por outro lado, oferece uma possibilidade de interpretação que atende aos pressupostos a partir do qual conduziremos a parte inicial de nossa pesquisa. Segundo este autor, sempre que fazemos declarações como (1) “Coragem é virtude” ou (2) “Sócrates é homem” a $\epsilon\iota^1 d\omega\frac{1}{2}n$ sumplokh^ϕ é pressuposta. Para isso, devemos interpretar o termo “Sócrates” na sentença (2) como uma abreviação ou como uma coleção de nomes de Formas. Ou seja, de acordo com Hamlyn, a “expressão *Sócrates* é apenas uma abreviação para *homem que é bom, sábio, narigudo*, etc., e, assim, qualquer declaração na qual *Sócrates* aparece pode ser analisada apenas porque a comunhão de

¹⁰Para uma crítica mais detalhada a esta posição de Cornford, ver o artigo de J. L. Ackrill intitulado *Symploke Eidon* (1965), sobre o qual nos apoiamos no que diz respeito à insuficiência da interpretação de Cornford.

¹¹Em seu artigo, Ackrill passou gradualmente a falar de conceitos e não propriamente de Formas. Segundo este autor, a “tarefa atribuída ao dialético ou filósofo nos últimos diálogos de Platão é a investigação e a delimitação das relações entre conceitos” (1965). Assim, Ackrill parece alinhar-se às fileiras dos que acreditam que Platão abandonou a noção de Formas nos últimos diálogos.

formas é possível” (1955, p. 295). Em termos da teoria de Russell, *Sócrates* seria uma *descrição disfarçada* (disguised description), no sentido de que pode ser expandida ou descompactada em uma lista de todas as Formas das quais Sócrates participa.

Se o que foi exposto até aqui é minimamente plausível, então o modelo ontológico que emerge dos diálogos da última fase apresenta grandes semelhanças com os modelos propostos pelos filósofos pré-socráticos, que buscavam explicar a realidade mediante a busca de seus elementos primários e constitutivos. Na próxima seção, veremos brevemente que esta proposta encontra apoio em outros diálogos da fase final.

4. Outros diálogos

O diálogo *Político* também oferece elementos em apoio à nossa proposta de investigação. Em 278c-d, com o objetivo de definir e ilustrar a utilização de um paradigma, o Estrangeiro recorre ao exemplo das crianças que estão aprendendo a ler. Este exemplo é expandido até o ponto em que as letras e sílabas das palavras são comparadas aos elementos e compostos que constituem a realidade¹². Assim como aquele que aprende a ler está sujeito a estabelecer combinações incorretas de letras e de sílabas, aquele que tenta compreender a estrutura do real pode também se enganar no que diz respeito à combinação correta dos “elementos de todas as coisas” (τα\ tw^{1/2}n pa/ntwn stoiceiá, 278d1). Ora, que tipos de *elementos* são estes? Dependendo da forma como compreendemos os termos envolvidos nesta formulação, ou melhor, se partirmos do pressuposto de que estes *elementos* envolvem de alguma maneira as Formas, então podemos interpretá-las como elementos básicos presentes na constituição mesma dos particulares sensíveis.

O diálogo *Filebo*, por sua vez, também apresenta alguns subsídios para nossa proposta de pesquisa. No trecho compreendido entre 23c e 26d, o personagem Sócrates sustenta que tudo no universo possui uma quádrupla explicação. Temos, assim, uma metafísica que compreende quatro elementos: o *ilimitado* (το\ aÁpeiron) e o *limite* (το\ pe/raj), a *mistura* dos dois e a *causa* da mistura. O ilimitado¹³ envolve tudo o que apresenta graus indefinidos de mais ou menos, como, por exemplo, quente e frio, fraco e forte, etc. A este domínio ilimitado impõem-se fatores de limitação, tais como medida, proporção, razão e assim por diante, de modo que a noção de número, em especial a aplicação de um limite numérico a este contínuo indefinido, exerce um importante papel neste contexto. Ao término desta passagem, Sócrates parece sustentar que a *mistura* e, portanto, os particulares sensíveis passam a existir a partir da introdução de limites ao

¹²Nos últimos diálogos, Platão se utiliza largamente das noções de letras e de sílabas para ilustrar sua teoria. No *Sofista*, a partir de 253a, por exemplo, esta analogia é utilizada para esclarecer o papel dos grandes gêneros ou Formas mais gerais, entendidas como Formas-vogais, isto é, como elementos que permitem a combinação das Formas-consoantes, “uma vez que, sem uma delas, é impossível combinar, dentre as demais, uma à outra” (wDste aÁneu tino\j au)tw^{1/2}n a)du/naton a(rmo/ttein kaii tw^{1/2}n aÁllwn eÁteron e(te/r%, 253a5-6). Para mais informações a esse respeito, ver Ryle (1960).

ilimitado ou, para usar os termos do próprio Platão, encontram sua “gênese em direção ao ser a partir das medidas que foram feitas junto ao limite” (ge/nesin ei'j ou)siζan e)k tw'2n meta\ tou= pe/ratoj a)peirgasmē/nwn me/trwn, 26d8-9).

Nesta perspectiva, o *Timeu* assume um papel de grande importância. Em primeiro lugar, temos neste diálogo a introdução da *xwφra*, noção imprescindível para a compreensão do estatuto dos objetos sensíveis. Além disso, Platão também introduz a engenhosa teoria segundo a qual a estrutura última da matéria e, portanto, dos particulares sensíveis, possui uma base geométrica. De acordo com esta doutrina, todos os particulares sensíveis são constituídos a partir da *xwφra* e de cinco sólidos regulares: tetraedro, cubo, octaedro, icosaedro e dodecaedro. Como a construção dos corpos mais complexos de dá pela combinação mútua destes elementos, então encontramos aqui outros indícios em apoio à nossa proposta de investigação.

Ora, se tudo isso é minimamente plausível, então temos elementos suficientes que justificam a abertura de uma nova frente de investigação no que diz respeito à ontologia platônica dos diálogos de última fase. Levando em conta os estudos reunidos no presente artigo e as passagens do texto platônico que analisamos brevemente, esta ontologia apresenta inúmeras semelhanças com as teorias dos assim chamados pré-socráticos, de modo que Platão pode ser chamado – com todas as ressalvas possíveis, obviamente – o último pré-socrático. A principal vantagem desta proposta reside no fato de que ela traz à baila alguns aspectos da obra platônica que podem não apenas “atrair a simpatia” dos estudantes que dela se aproximam, mas também mostrar que a teoria das Formas possui uma atualidade gritante, sendo plenamente capaz, entre outras possibilidades, de dar conta da multiplicidade sensível.

Referências

ACKRILL, J. L. *Symploke Eidon*. In: ALLEN, R. E. *Studies in Plato's Metaphysics*. London: Routledge & Kegan Paul, 1965. p. 199-206.

_____. *Plato and the copula: Sophist 251-9*. In: ALLEN, R. E. *Studies in Plato's Metaphysics*. London: Routledge & Kegan Paul, 1965. p. 207-218.

BRANDWOOD, Leonard. *Stylometry and chronology*. In: KRAUT, R (ed.). *The Cambridge Companion to Plato*. Cambridge: Cambridge University Press: 1992. p. 90-120.

BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. New York: Meridian Books, 1957.

CHERNISS, H. F. *A economia filosófica da Teoria das Idéias. O que nos faz pensar*, n. 2, p. 109-118, jan. de 1990.

¹³ A noção de *ilimitado* (to\ a\Apeiron) é geralmente associada à obscura noção de *xwφra*. Como, no entanto, essa noção só entra em cena no diálogo *Timeu*, devemos ter cuidado com essa associação no que diz respeito ao *Filebo*. De qualquer forma, torna-se evidente que a noção de *a\Apeiron* ou de *xwφra*, introduzidas apenas nos diálogos de última fase, são essenciais para a compreensão do estatuto dos particulares sensíveis.

- CORNFORD, F. M. *Plato's Theory of Knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul LTD, 1951.
- CROMBIE, I. M. *An examination of Plato's Doctrines*. London: Routledge and Kegan Paul, 1963. v.2.
- CURD, Patricia. *The legacy of Parmenides*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2004.
- GUTHRIE, W. K. C. *A history of greek philosophy*. Cambridge: University Press, 1969. v.5.
- HAMLYN, D. W. The communion of forms and the development of Plato's logic. *The Philosophical Quarterly*, v. 5, n. 21, p. 289-302, 1955.
- HINTIKKA, Jaakko. Knowledge and its Objects in Plato. In: MORAVCSIK, J. M. E. (ed.). *Patterns in Plato's Thought*. Dordrecht: Reidel, 1973. p. 1-30.
- IGLÉSIAS, Maura. A relação necessária entre a primeira parte e a parte central do Sofista de Platão. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 15, jan./jun. 2003, p. 143-156.
- _____. A relação entre sensível e inteligível: 'methexis' ou 'mimesis'? In: PERINI, Marcelo (Org.). *Estudos platônicos*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 91-112.
- JACKSON, Henry. Plato's later Theory of Ideas. V – The Sophist. *Journal of Philology*, v.14, p. 173-230, 1885, .
- KAHN, Charles H. O verbo grego 'ser' e o conceito de ser. In: *Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Departamento de Filosofia da PUC-RJ, 1997a. p. 1-32.
- MORAVCSIK, Julius. *Platão e Platonismo*. São Paulo: Loyola, 2006.
- MOURELATOS, Alexander. The real, appearances and human error in early greek philosophy. *Review of Metaphysics*, n. 19, p. 346-365 , 1965.
- NEHAMAS, Alexander. Plato on the imperfection of the sensible world. In: FINE, Gail (ed.). *Plato 1. Metaphysics and epistemology*. Oxford: Oxford University Press, 1975. p. 171-192.
- OWEN, G. E. L. Plato and Parmenides on the Timeless Present. In: *Logic, science, and dialectic*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1986b. p. 27-44.
- PLATÃO. *Diálogos: Fédon, Sofista, Político*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.
- _____. *Platonis Opera*. Oxford: At Claredon Press, 1941.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1994. v.2.
- RYLE, Gilbert. Letters and Syllables in Plato. *The Philosophical Review*, v. 69, n. 4, p. 431-451, 1960.
- WEDBERG, A. The Theory of Ideas. In: VLASTOS, Gregory (org.). *Plato I*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, p. 28-52 , 1978.

